****
Separata do
Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, vol. 51, p.61-89.
****

Dois ensaios sobre a etimologia do topônimo Curitiba

Fernando Costa Straube[1]

"Hasta extranjeros recién llegados al país, y colonos de muy remoto origen, dieron en bautizar árboles y plantas con aquella desordenada fantasía que gran Linneo ya hustigara: Idiotae nomina absurda imposuere. *Disculpa tenían: una nomenclatura les era dispensable, y a falta de maestros, o de técnicos formados en la escuela de la naturaleza, a su anteojo la crearon. Peor hicieran los colonos venidos del Brasil, la población brasilera de Misiones, la inmigrada a mediados del siglo XVIII, en el Paraguay y recientemente en el sud de Matto Grosso, así como alguna que nos vino de Argentina. Pués éstas hallaron más cómodo rebautizar sendas especies con los nombres de otras de su país de origen, inducidos por una semejanza frecuentemente muy superficial y discutible, y no pocas veces nula, como sobrada ocasión tendremos de ver más adelante (Moisés S.Bertoni, 1980)".*

Ensaio 1. CURITIBA: MUITOS PINHEIROS

"Curitiba - de **curii**, pinheiro, pinha, pinhão; a *Araucaria brasiliensis*[2]; **tíba**, sufixo que indica abundância. Pinhais, Pinhal, Pinheiral (Martins, 1940)". Não à toa Romário Martins tinha tanta convicção naquilo que escrevera: havia consultado vários autores de linguística tupi, cujos tratados são clássicos até os dias de hoje: Montoya, Martius, Teodoro Sampaio, Beaurepaire-Rohan, Ayrosa, dentre outros; e foi com propriedade que concluiu: terra de muitos pinheiros.

No tronco tupi inclui-se grande parte das línguas originalmente praticadas no Brasil, especialmente no litoral, centro e sul desse País (Melatti, 1993, baseado em Rodrigues, 1964, 1967, 1975). Essas línguas faziam parte de uma única linguagem ancestral, o proto-tupi-guarani, depois desmembrado em várias outras, graças a disjunções das populações, consequência do expansionismo e belicosidade.

A constituição linguística do tupi, apresenta um sistema morfológico algo complexo, mas muito coerente. A sintaxe, também complexa, permite relativa liberdade de expressão. A possibilidade de formar compostos e derivados com grande facilidade garante fácil e espontânea manifestação do pensamento (Rodrigues, 1951).

E essa língua, bem como suas derivadas, foi a mais usada no Brasil até o Século XVII, onde superava o português em número de praticantes, sendo chamada de língua

---

[1] ***Mülleriana***: Sociedade Fritz Müller de Ciências Naturais. Caixa Postal 1644. Curitiba, Paraná, Brasil. 80 011-970. E-mail: juruva@milenio.com.br.

[2] Atualmente *Araucaria angustifolia* (Bert.) O.Kuntze.

geral do Brasil. Por esse motivo, serviu-se generosamente para a formação de vocábulos, de topônimos e mesmo outros nomes próprios.

Assim, não só por influência do rico potencial interpretativo, os praticantes de línguas latinas tiveram dificuldade em transformar manifestações verbais (fonemas) em algo que pudesse, na prática, ser efetivamente escrito.

José de Anchieta, Hans Staden, Jean de Léry e vários outros, apresentaram inúmeras grafias para um único objeto, animal ou planta, sempre por influência da fonalização original de suas línguas pátrias. Alguns cronistas, desde os tempos de colônia até os atuais, chegaram a esboçar verdadeiras gramáticas e léxicos, inclusive com normatização gráfica dos vários fonemas. Entretanto, a posição mais coerente é, sem dúvida, aquela usada oficialmente na República do Paraguai, onde o guarani é a segunda língua oficial do País e sujeita-se a uma normatização ortográfica bem estabelecida[3]..

A enorme importância cultural e histórica da etimologia toponímica tupi em território paranaense despertou-me, por influência de Martins (1940), uma motivação de aprofundamento no assunto, particularmente em situações que envolvem questões biológicas (*vide* Straube, 1998, 1999).

O presente estudo é um ensaio sobre a origem etimológica do topônimo Curitiba, concebido sobre os devidos subsídios botânicos, histórico-documentais, culturais e principalmente linguísticos, por intermédio do abrangente material bibliográfico e coleta de informações durante expedições de pesquisa para várias regiões do Brasil e Paraguai nos últimos 17 anos.

CURI: PINHEIRO OU PINHÃO?

Há muito o que averiguar sobre as questões de formas eruditas do tronco tupi ou suas ancestrais. Ermelino de Leão (1924), avaliando a tradicional interpretação "muitos pinheiros", sugere outra origem para Curitiba, discussão que estende-se ao significado da partícula "curi-":

> "...segundo o estudo a que procedemos dos phonemas originarios da lingua tupi ou geral, a palavra provem dos monosyllabos primitivos - cu - espinho, agudo, ponta, fino; r'iby ou r'yby da terra e t'ubá de fructa e corresponde a espinho vegetal que dá fructas (Leão, 1924)".

Contudo, Bertoni (1980) explica que teria provindo do vocábulo *kurí* que significa "*amygdala, semen amygdaloide*", quer dizer, amêndoa ou semente equivalente, ou ainda, pelo seu cognato *kuî*: "*capsula, fructus exsuccus*": fruto seco, capsular ou indeiscente.

"Curi", então, serve para designar um tipo de semente (ou fruto) e, por extensão, foi utilizado também para a árvore que a produz: o pinheiro-do-paraná (*Araucaria angustifolia*). Essa particularidade metonímica, consiste em atribuir o nome de um produto à sua origem e encontra vários paralelos no cotidiano. Dentre eles, o melhor exemplo regional é a erva-mate, denominação usada tanto para a espécie vegetal (*Ilex paraguariensis*) quanto para seu produto manufaturado, amplamente utilizado no preparo do chimarrão e do tererê.

---

[3] Constituição da República do Paraguai de 1967 (Artigos 5 e 92) e de 1992 (Artigos 77 e 140); Lei Federal nº28 de 10 de setembro de 1992: "...*declara obligatoria la inclusion de los idiomas nacionales, el español y el guarani, en el curriculum educativo*".

Corretamente grafado no guarani, o pinhão não é simplesmente "curiyá", como sugere Filipak (1999c, baseado em Montoya); fica, isso sim, como *kuri'yhi'a* (oxítona, pentassilábica, com quatro vogais: u, i, y, a; quatro consoantes: k, r, h, além do apóstrofo, chamado *puso*[4]), palavra difícil de ser verbalizada por falantes da língua portuguesa e, por essa razão, também incorretamente escrita pelos cronistas portugueses e brasileiros.

TYBA: SUFIXO DE ABUNDÂNCIA

Tyba (ou tiba, transliteração portuguesa) é sufixo tupi similar ao *ty* do guarani. Essa distinção fonética deve-se ao ensurdecimento da sílaba final átona, uma das principais características diferenciais entre o proto-tupi e o proto-guarani e os respectivos dialetos derivados (Guérios, 1935; Magalhães, 1940, seg. Rodrigues, 1945).

Em ambos os casos, tais palavras usadas como sufixo, significam abundância e reunião, em geral de plantas ou árvores (inclusive plantações) e minerais (Tibiriçá, 1984). Quando associadas a um nome animal, principalmente de mamífero, traduzem-se como urina. No guarani moderno, *guasuty* é urina de veado e, por extensão, *kurety*, de porco-doméstico.

Em alguns casos, essa sufixação pode se tornar confusa, particularmente no caso de animais que fixam-se firmemente às rochas, fazendo parte delas. *Rerityba* (antiga denominação do município de Anchieta, no Espírito Santo), significa "muitas ostras" (Navarro, 1998).

Desconhecemos as fontes de Leão (1924) para traduzir "*t'ubá*" como fruto, já que esse quase sempre é tratado como *hi'a*[5] ou alguma de suas variantes.

CURITIBA, BASES HISTÓRICAS E LINGUÍSTICAS PARA A ANÁLISE ETIMOLÓGICA.

O documento mais antigo, e precisamente datado, no qual aparece o topônimo Curitiba, "foi o auto do exame procedido por Ébano Pereira na mina de pedras, em 1649. Doze das testemunhas, que ali estiveram presentes, declararam que o exame fôra realizado nos campos de Curitiba" (Moreira, 1972). No mesmo ano, Gabriel de Lara declara: Distrito de Curitiba e, em 1698, na Carta da Sesmaria de Botiatuva, lê-se "Povoação de Curytiba" (Moreira, 1972). Segundo Filipak (1999b), o nome "Coretaba" encontrado em "um mapa primitivo do Brasil Meridional, junto à B[iblioteca] P[ública] [do] P[araná]R, é uma denominação pré-histórica (*sic*!), pelos idos de 1600, dos Campos de Coritiba ou Curitiba...".

A "Planta da Baía de Paranaguá" (1653) resgatada na Biblioteca Nacional de Lisboa por Moisés Marcondes, é não menos esclarecedora: no fundo da Baía há uma indicação de uma trilha para atingir o planalto (ou "campos de quereytiba"); chamava-se "Caminho de quereitiba" (Moreira, 1972). Cabe ressaltar que a autoria de tal preciosidade cartográfica é duvidosa, embora todas as suas características indiquem haver sido desenhada por João Teixeira Albernás (Moreira, 1972), e não Eleodoro Ébano (*cf.* Filipak, 1999b).

Segundo Leão (1924) os primeiros povoadores de Curitiba não empregavam essa palavra nos documentos oficiais, senão raramente com referência aos campos; usavam na tradução portuguesa "Pinhaes". Nos mais antigos documentos, a localidade

---

[4] As letras, em guarani, não têm o mesmo significado fonético da língua portuguesa.

[5] Palavra única, bissilábica, cuja fonalização é interrompida pelo *puso*, representado por um apóstrofo, sem nenhum equivalente em português.

era designada como "Villa do Bom Jesus do Perdão" e "N[ossa] S[enhora] da Luz dos Pinhaes" (Leão, 1924).

Mais tarde acrescentaram à tradução portuguesa o original tupi - "Pinhaes de Curityba". "Pensamos que somente depois da completa separação da freguezia de S.José dos Pinhaes passou para ella a versão portugueza Pinhaes, tocando á Villa a denominação equivalente indigena de Curityba" (Leão, 1924) (Tabela 1).

É provável que o topônimo fôra definitivamente aplicado à vila apenas no início do Século XVIII com um termo de abertura datado e assinado "Curitiba, 20 de janeiro de 1721/Raphael Pires Pardinho" (Moreira, 1972).

Cabe lembrar que o nome dado às localidades, cidades, lugarejos ou qualquer que seja o topônimo, pode ser originário de variadas fontes de inspiração. Mas sempre provirá de algum detalhe relevante do aspecto, do povoamento, da paisagem geral ou vegetação ou, ainda, de algum evento casual comparado com outra região, na qual isso não é tão marcante ou não foi possível constatar.

É por esse motivo que as denominações toponímicas têm sempre algo de alóctone em sua origem. Surgem de alguém ali residente, mas que obrigatoriamente viu situação distinta em outros lugares ou, ainda, de alguém que chegou no local e notou algo diferente.

Esses dois princípios são fundamentais na compreensão etimológica dos nomes de localidades brasileiras e, não fugindo à regra, também para o caso aqui discutido. O topônimo Curitiba provém, com poucas possibilidades outras, de "curi", pinhão ou pinheiro, mais "tiba", abundância. *Kuriîtíhva* (como grafado por Bertoni, 1980), antes de topônimo, era utilizado pelos indígenas para designar pinheirais, fato que vem a confirmar a presente hipótese.

Segundo Ferreira (1996), as primeiras movimentações humanas no território curitibano se deram através de Paranaguá, via estrada do Cubatão, e ocorreram por conta de expedições ou bandeiras que vinham à cata de ouro.

Esse itinerário histórico é decisivo: pinheiros não ocorrem na planície litorânea e são escassos ao longo das cadeias montanhosas da Serra do Mar; aparecem, em grandes quantidades, no planalto de altitude, sob a forma de matas contínuas ou formando associações florestais ilhadas nos campos, denominadas capões.

Assim, é mais do que esperado que, a partir do litoral, e dali subindo a serra até o planalto, o primeiro local onde haveria uma grande concentração de pinheiros, era exatamente a região onde situa-se a capital paranaense. Outros exemplos toponímicos de municípios adjacentes a Curitiba (São José dos Pinhais, Pinhais) vêm confirmar que a paisagem na qual pinheiros sobressaem-se sobre a mata, é característica localmente marcante e suficientemente forte para servir como inspiração. Essa nítida relação entre paisagens pode ser notada em outras situações, desta vez, com predomínio da vegetação estépica: Borda do Campo, Campina Grande do Sul, Campo Largo.

Resta, ainda, reconhecer se o fragmento "curi-" para esse caso, deve ser interpretado como o produto (pinhão) ou como a sua origem (pinheiro ou paisagem na qual ele domina). Tal conclusão é aparentemente impossível, haja vista que, com a escassa documentação pertinente, a valoração original poderia ter sido atribuída tanto a um como a outro - ou a ambos.

Pinhão é alimento nativo importantíssimo nas florestas do sul do Brasil, devido ao seu valor nutritivo, calórico e principalmente por estar disponível exatamente em tempos em que a maior parte das espécies vegetais encontram-se em período de descanso reprodutivo. Esse produto serviu-se, de acordo com a crônicas clássicas, como recurso alimentar para os habitantes do litoral, os quais realizavam excursões serra-

acima para coletá-lo em épocas de escassez ou mesmo de declínio de outros produtos alimentares como as ostras (Dean, 1996), amplamente representadas em sambaquis.

Segundo Rodrigues (1945), graças às várias migrações dos grupos ancestrais indígenas brasileiros no período pré-colombiano, os tupi deixaram o seu primitivo hábitat, dirigindo-se em grande quantidade para o oriente, alcançando o litoral e distendendo-se por quase toda a costa; por sua vez, os guarani se mantiveram no sul, estendendo-se desde o litoral até as regiões paraguaias, pelo sul do Trópico de Capricórnio.

Assim, o sufixo *tyba* confirma a origem litorânea, pois sua constituição tipicamente tupi (grupo do litoral) confronta-se com o *ty* do guarani (grupo do interior), pela supressão da última sílaba átona (Rodrigues, 1945).

Ensaio 2. PORCOS E CONTESTAÇÃO

Uma recente hipótese adicional para a origem do topônimo Curitiba (*vide* Filipak, 1999a, 1999b, 1999c), mereceu a abordagem da presente crítica, fundamentada em informações biológicas, históricas e linguísticas.

PORCOS: FUNDAMENTOS BIOLÓGICOS

Porcos, de acordo com a classificação biológica (Wilson e Reeder eds. 1993), integram a ordem dos Artiodactyla (que inclui ainda os cervos e veados, o camelo, a girafa, o hipopótamo e o boi). Nesse grupo animal, destacam-se duas famílias, para os propósitos desta análise: Suidae (que engloba o porco-doméstico) e Tayassuidae (o tateto e o queixada) (Simpson, 1984; Grubb e Groves, 1996).

O porco-doméstico, nada mais é do que uma variedade domesticada do javali (*Sus scrofa*), amplamente distribuído pela Europa, sul e leste da Ásia, e atualmente disperso por quase todo o mundo, inclusive ilhas oceânicas, graças a exemplares asselvajados (Wilson e Reeder eds., 1993).

Séculos de cruzamentos seletivos, levaram a modificação genética do javali em uma raça mansa, com cabeça menor, corpo maior e perda de pelos, cujos representantes passaram a ser chamados de porcos (palavra originária do latim *porcus*).

Os taissuídeos brasileiros, por sua vez, compreendem duas espécies principais, ambas largamente distribuídas na América do Sul: o tateto (*Pecari tajacu*), forma pequena, amarronzada e com uma coleira mais clara nos lados do pescoço, e o queixada (*Tayassu pecari*), maior, quase todo negro e com a mandíbula branca.

PORCOS NA LÍNGUA PORTUGUESA

Para a língua portuguesa, as duas espécies comuns de taiassuídeos brasileiros, além do javali e de sua forma domesticada, podem ser chamadas de “porcos”, admitindo-se um sentido genérico para a sub-ordem Suiformes. São porcos porque formam um agrupamento natural de animais ungulados com casco fendido, não ruminantes, corpulentos e densamente protegidos por capa sub-cutânea adiposa.

E foi por essas semelhanças que o português e o brasileiro chamaram o tateto e o queixada de porcos e, por que viviam no ambiente selvagem, passaram a ser porcos-do-mato. Mas as duas famílias envolvidas não são tão afins quanto possam parecer. Suídeos têm quatro dedos em ambas as pernas; taiassuídeos têm quatro nas dianteiras e dois ou três nas traseiras, além de uma glândula odorífera que se destaca na parte posterior do dorso (Simpson, 1984).

Adjetivar nomes de animais euro-asiáticos de criação com um indicativo silvestre, é procedimento comum na língua portuguesa; lembramos do galo-da-campina (*Paroaria capitata*), pinto-do-mato (*Formicarius colma*), frango-d'água (*Gallinula chloropus*), apenas alguns exemplos associados ao galo (*Gallus gallus*), espécie originária da Ásia e sem qualquer parentesco com as citadas. Essa absorção de denominações originais de animais domésticos ou mesmo selvagens de outros continentes foi abordada brevemente por Ihering (1920, 1968), ilustrando a influência dos costumes europeus na língua nativa.

Mesmo no espanhol de outros países da América latina, isso é comum: *comadreja*, nome dado aos marsupiais (como o popular gambá, um marsupial da família dos didelfídeos), é designação, no Velho Mundo, para as formas européias de outra ordem e, portanto, de outra família (Mustelidae). *Zorrino*, na Europa, refere-se a canídeos de pequeno porte, mas na Argentina é aplicado a uma espécie de outra família (*Conepatus chinga*, um mustelídeo) (Dennler, 1939).

As denominações dos dois tipos de porcos-do-mato na língua portuguesa sofrem nítida confusão, embora seja clara sua origem índia. Há, basicamente, formas cognatas e corrompidas de três origens principais: taiaçú, caitetu e pecari, analisadas separadamente.

1. **Taiaçu**

Segundo Caetano e Clerot, 1959 (*per* Carvalho, 1979), provém de *tai*, dente + *assu*, grande; ou *taya*, *tajá*, uma espécie de planta com raiz suculenta + *suú*, morder (*per* Martius, aceito por Cabrera e Yepes, 1960) ou, ainda, *taí*, dente + *a*, feito para + *suu*, morder = dentes feitos para morder. Segundo Dennler (1939), *tayasú* significa sujo. Para Tibiriçá (1984) é *t-ãia-assu*, dente grande e, para Santos (1984) *tai*, dente + *a*, torcer + *çuu*, morder = o que pode morder com dentes tortos.

Outras variações registradas foram: **teygasu dattu** (Staden, 1557); **tayaçû** e **tayaçuete** (Anônimo: Vocabulario da língua brasílica, Século XVI); **taiaçutirica** e **tayaçúpigta** (Cardim, 1584); **tajaçu**, **tajaçueté** e **tajaçutirica** (G.S.Sousa, 1587; Carvalho, 1979); **taiaçutirigua**, **taiaçuetem** e **taiaçupigtax** (Monteiro, 1610); **teasu** e **teasuitê** (Anônimo: Diálogo das Grandezas do Brasil, 1618); **taiassùatè** e **taiassùterîca** (Calado, 1648); **taiassú** (F.X.R.Sampaio, 1777; Mário de Andrade, 1928); **tajassú** (Machado de Assis, 1875) (*apud.* Cunha, 1982); **taiaçu**, **taiaçu etê** (Carvalho, 1979).

As sufixações decorrentes de adjetivos adicionados ao genérico taiaçu, quer sejam: *ete*, *tirica* e *pytã* (e suas variáveis) significam, respectivamente, verdadeiro, estalar e marrom ou avermelhado.

2. **Caitetu**

Seria procedente de *tai*, dentes + *tai ti*, dentes fortes, duros (Carvalho, 1979). Para José de Alencar (1865) provém de *caeté*, mato grande e virgem + *suu*, caça = caça do mato virgem. Para Tibiriçá (1984) vem de *t-ãi-eté-tu*, o que ataca com os dentes caninos; segundo Santos (1984) é *tai*, dente + *tete*, forte + *u*, comer = que tem dentes fortes para comer.

As inúmeras variações encontradas foram: **tahitetu** (Anônimo: Diálogo das Grandezas do Brasil, 1618); **cahetatu** (Rocha-Pitta, 1730); **taitetú** (Anônimo: *Annexes du Premier Mémoire du Brésil*, 1786; Santos, 1984); **caitetú** (Sampaio, 1789); **caytetú** (Casal, 1817); **caititú** (I.A.C.Silva, 1833; Castro Alves, 1871; Euclides da Cunha, 1902; Coelho-Neto, 1914; Aranha, 1929; Guimarães Rosa, 1956; Ihering, 1968; Carvalho, 1979; Santos, 1984); **caitetê** (Leverger, 1847); **caitutú** (Magalhães, 1856; Porto-Alegre, 1863); **caitetú** (Alencar, 1865; Guimarães, 1869; Lima-Barreto, 1915; Lobato, 1918; Graciliano Ramos, 1938; Carvalho, 1979); **caetetú** (Alencar, 1865, 1870, 1872; Couto de Magalhães, 1876; Verissimo, 1886; Inglês-de-Souza, 1888; Arinos, 1898; Cruls, 1930; Morais, 1938); **taititú** (F.X.R.Sampaio, 1777; Carvalho, 1979); **caitatú** (Guimarães, 1871; Ihering, 1968); **caitetú** (Alencar, 1874, 1875; Taunay, 1874; Machado de Assis, 1875; Guimarães, 1879); **caetitú** (Guimarães, 1884) (*apud*. Cunha, 1982); **cateto**, **catete** (Ihering, 1968; Carvalho, 1979; Santos, 1984); **teitetu**, **taititou**, **teitetou** (Carvalho, 1979).

3. **Pecari**

Provém, segundo Carvalho (1979) de *pakira*, nome indígena dos porcos do mato, etimologicamente *pé*, caminhos + *cáa*, mata + *ri*, muitos = animal que faz ou tem muitos caminhos na mata (per Liais e Martius) ou, talvez, *pé* + *cáa* + *yahí*, tomar = animal que toma ou segue um caminho na mata.

Na realidade, deve provir de troncos linguísticos da América do Sul setentrional, provavelmente o karib (Melatti, 1993), haja vista o nome *pakirá* ser utilizado pela população da Guiana Francesa e Suriname para o *Pecari tajacu* (Simpson, 1941; Emmons, 1997).

No Brasil, há uma notável uniformidade no tratamento vernáculo das espécies de taiassuídeos. *Pecari tajacu* é conhecido principalmente como caititu ou cateto (várias regiões do sudeste e sul do Brasil, como Santa Catarina, norte do Paraná, Triângulo Mineiro, norte e noroeste de Minas Gerais, litoral de São Paulo e mesmo no nordeste brasileiro), mas também tateto (vários locais no Paraná). *Tayassu pecari*, por sua vez, é sempre queixada (todo o País) mas, em alguns locais pode ser chamado de porcão (Pará, Rondônia, Tocantins, Mato Grosso) e porco-verdadeiro (Piauí) (F.Olmos, C.Yamashita, L.Brandt, T.C.Margarido, P.H.Labiak, H.Rajão, C.E.Zimmerman, J.C.Moura-Leite, M.M.Argel-de-Oliveira, R.R.Lange *in litt*., 1999). Outros nomes são também citados para uma espécie ou outra (e às vezes ambas): sabacu, tacuité, taiaçu, tanhaçu, tanhocati e taguicati (Ferreira, 1986).

Embora a literatura zoológica, como anteriormente apresentado, reconheça apenas duas espécies de porcos-do-mato para o Brasil, deve-se mencionar uma pretensa terceira espécie, cuja identidade é, até então, desconhecida dos pesquisadores. Trata-se do chamado canela-ruiva, queixada-ruiva, queixo-ruivo ou tiririca citado por inúmeros cronistas, desde o Século XVI, sendo também muito conhecido das populações do interior (F.Olmos, 1999 *in litt*.).

Várias são as obras que mencionam três espécies de porcos-do-mato para o Brasil. Veja-se, por exemplo, Vieira dos Santos (1850), para o litoral paranaense: "porcos montezes pretos e ruivos, e do queixo branco, e outros pequenos chamados Tatetos...". Também o Padre Manoel Aires de Casal (1817) se aventura em citá-los: "Ha tres castas de porcos montezes: uns sam de todo negros, outros tem a queixada inferior branca, outros de pequeno corpo, e russos chamados caytetús...".

Há muito a ser averiguado sobre essa questão. Estudos preliminares de acervos de museus (M.Miretzki, 1999 com.pess.) e mesmo em campo (T.C.Margarido, 1999

com.pess.), malograram na descoberta desse animal ou a resolução definitiva do enigma. Entretanto, pode-se afirmar de antemão, que o queixada (*Tayassu pecari*) apresenta um grande polimorfismo ontogenético, no qual indivíduos jovens são efetivamente castanhos a castanho-avermelhados e portanto, diferenciados dos adultos (March, 1996).

Casos enigmáticos de confusões entre fases de pelagem de adultos e jovens são comuns entre a população, encontrando outros paralelos, por exemplo, para a suçuarana ou leão-da-cara-suja (*Puma concolor*) e da anta (*Tapirus terrestris*), cujos filhotes apresentam coloração pintalgada com finalidade de camuflagem.

Apesar de tais indícios, não há como esquecer do episódio clássico de um outro taiassuídeo neotropical, o *Catagonus wagneri*, descoberto por Carlos Rusconi em 1930 com base em material fóssil da Argentina (Rusconi, 1930) e redescoberto 45 anos depois no Chaco paraguaio, onde mantém consideráveis populações residuais (Wetzel, 1977; Chebez, 1996; Taber, 1996).

De acordo com Chebez (1996), essa descoberta é uma demonstração de que devemos "prestar mais atenção às referências folclóricas e zoonímicas, produto do conhecimento empírico dos nossos indígenas e nativos, a revisões mais profundas das coleções de museus e à literatura, ainda que não seja de caráter acadêmico e corresponda a crônicas antigas".

PORCOS NA CLASSIFICAÇÃO INDÍGENA

As denominações das formas silvestres de porcos-do-mato sofrem inúmeras influências linguísticas, de acordo com a região geográfica dos países ou grupos culturais, com as línguas-mães dos colonizadores desses países e, de acordo com as variadas formas como as corruptelas se criam e se estabelecem (tabela 2).

Para os falantes da língua portuguesa, o porco e o tateto (ou o queixada) são porcos; respectivamente, doméstico e do mato. O porco-do-mato foi assim chamado porque os portugueses perceberam uma semelhança com o porco-doméstico, passando a denominá-lo "do-mato", devido aos seus hábitos silvestres.

Essa afinidade não foi notada pelos indígenas; ao ter contacto com a espécie doméstica, foi necessário batizá-la com um outro nome genérico: *kuré*, aparentemente onomatopéico.

Depois de muito tempo, e em apenas alguns casos particulares, acatando o parentesco entre porcos-do-mato e o domesticado determinado pelos portugueses, passou-se a tratar os representantes silvícolas por uma designação genérica comum. Entre os caingangue, por exemplo, *krygn* serve para porco-doméstico e, embora o tateto tenha um nome diferenciado (*okxá*), o queixada é conhecido como *krygn-niampé-kuprí* (Baldus, 1947). Esse é um resultado da adulteração da classificação vernácula portuguesa sobre a indígena autêntica.

Para a denominação de animais domésticos (assim como objetos), podem existir duas formas: uma castiça, original e geralmente em desuso, outra surgida por influência do português. Por esse motivo, animais de criação sofreram drásticas modificações desde sua forma original até a utilizada recentemente. Entre os caingangue, a galinha foi chamada inicialmente de *kókéu* (onomatopéico) e depois *garín* (corruptela de galinha) (Guérios, 1942).

Ademais, o maior contacto com a espécie de criação tornava-se gradativamente mais acentuado do que o existente com a forma autóctone (substituição da caça pela pecuária) (Fernandes, 1941; Dean, 1996), fazendo com que a denominação da forma doméstica passasse a suplantar à da espécie nativa.

A convergência entre línguas indígenas de troncos diferentes como o caingangue e o guarani, que tratam porco-doméstico, respectivamente como *krygn* e *kuré* (palavras aparentemente cognatas), é um exemplo desse intercâmbio linguístico. Não se deve esperar, contudo, que tal convergência provenha de raízes muito antigas, uma vez que o porco-doméstico passou a ser conhecido (e alcunhado como tal) apenas após o contacto com o português.

Pode-se afirmar que originalmente havia uma distinção nomenclatural básica entre porcos-do-mato e domésticos (tabela 3), definida por aspectos de diferenciação bastante precisos. As espécies silvestres são conhecidas, por exemplo, entre os guarani como: *taitetú* (*Pecari tajacu*) e *tañihca-tí* (*Tayassu pecari*) (Bertoni, 1914), mas também, e modernamente: *kure'i* (traduzindo-se: porco-doméstico-pequeno) e *jabali* (javali, em espanhol), respectivamente (Van Humbeck e Avalos, 1995).

CLASSIFICAÇÃO VERNÁCULA

A precisão classificatória de animais e plantas entre os indígenas foi notada por vários estudiosos, encontrando paralelos interessantes com o parentesco definido pelos taxionomistas (Bertoni, 1914; Dennler, 1939).

Bertoni (1980) é um dos mais enfáticos a identificar essa característica, que chamou de culto à nomenclatura:

> "El bautizo de cualquier cosa, planta, animal, río, etcétera, era y es asunto de convención, objeto de discusiones y resoluciones colectivas, siendo la asamblea general la que debía dictaminar en cuanto al nombre que debía merecer la preferencia, si varias designaciones de emergencia se encontraban en conflicto, o inventar un nombre, el cual, una vez legalmente proclamado, debía ser el único usado y permanecer inalterado (Bertoni, 1980)".

Nomes de seres vivos eram criados com base em observações minuciosas e abordavam detalhes de cor ou forma, de uma ou várias estruturas, aspectos do comportamento, vida social, vocalização e mesmo relações com os homens ou entidades míticas.

Depois do contacto primeiro com os colonizadores portugueses, os povos indígenas brasileiros passaram a absorver grande parte das tradições, cultura e língua trazidas do além-mar. Dessa forma, batizavam os novos objetos ou organismos, usando as suas próprias normas classificatórias ou absorvendo as designações portuguesas, muitas vezes modificadas.

Até os dias de hoje há, entre o povo paraguaio, que cultua e normatiza oficialmente a língua guarani, a introdução de vocábulos que não possuiam paralelo quando do uso intensivo da língua pelos indígenas. É o chamado localmente *jopará* (mistura), forma encontrada para usar vocábulos inexistentes, mas de utilização necessária no cotidiano moderno.

O vocábulo *ara*, talvez onomatopéico, era usado apenas para as araras-vermelhas (*Ara chloroptera*) e assim diferenciado do *canindé*, que servia-se para as araras-canindés (*Ara ararauna*). Foi por influência de escritores e cronistas lusitanos que a forma extendida *arara* acabou servindo-se para todos os psitacídeos de médio a grande porte e cauda longa (gêneros *Ara, Anodorhynchus* e *Cyanopsitta*), na língua portuguesa

moderna. Originalmente, entretanto, eram consideradas entidades zoológicas distintas, para a classificação indígena.

Um caso particular foi abordado, com maiores detalhes, na questão etimológica e semântica do vocábulo "guará", uma espécie de ave paludícola de colorido vermelho carmim (Straube, 1998, 1999). Tal como em vários outros exemplos, observou-se um complexo de limitantes linguísticos para desvendar o problema. Destacaram-se a riqueza de significados de palavras das línguas nativas (devido à pobreza de vocábulos), para as quais a metonímia era usada com frequência e, ainda, a dificuldade encontrada pelos cronistas mais antigos de atribuir grafias a fonemas que não encontravam correspondente escrito na língua portuguesa. Ao mesmo tempo, pretensas hipóteses de origem de nomes geográficos foram igualmente e consequentemente adulteradas, ou mal-interpretadas, pela ausência de um esforço analítico multidisciplinar.

Porque o guará é uma espécie vistosa, portanto faustuosamente notável (*jeguá rã*), suas penas eram utilizadas para a confecção de adornos (*guab rab*) e pelo fato que aves não urinam, o topônimo Guaratuba passa a ser compreensível, como significado de abundância de uma espécie de ave, ainda que o sufixo *tyba* possua, para casos de referência a animais, significado de urina.

Pelo contrário, Guaraqueçaba[6] não pode ser admitida como indicativo à espécie guará (*Eudocimus ruber*, e não *Ibis rubra*: cf. Filipak, 1999c) e sim como uma alusão à grande quantidade de aves aquáticas que ali encontram ambiente propício e rico para alimentação, reprodução e repouso, conforme demonstrado anteriormente (Straube, 1998, 1999)

PORCOS NA DOCUMENTAÇÃO DE CRONISTAS

Por seu porte destacado, dentre os outros animais autóctones brasileiros, tatetos e queixadas eram, desde a Pré-História, muito utilizados como objeto de consumo alimentar, fornecendo também matéria-prima para outras atividades. É notável, por exemplo, a representação de caninos desses animais em sambaquis: grande parte desses dentes encontrados, apresentam vestígios de trabalho, uso e acabamento, algumas vezes indicando locais onde fosse fixado a um cabo. Há menções históricas de que os índios raspavam seus arcos e flechas com caninos do porco-do-mato e, não raro, foram descobertos junto aos mortos, como oferenda mortuária (Tiburtius, 1996)

Para o cronista Hans Staden, existiam na região sul-litorânea de São Paulo duas espécies de porco-do-mato, uma delas parecida com o porco-selvagem (javali) de sua terra natal (Hesse, Alemanha) e a outra, que chamou de *Teygasu Dattu*, pequena e difícil de pegar em armadilhas (Staden, 1557). Essa última denominação, de origem tupinambá, foi por certo confundida com o tatu, formando uma palavra mista, corrigida por autores posteriores (*vide* comentários de M.de G.Ferri na versão traduzida de 1974).

Muitas outras obras subsequentes citaram os representantes suinomorfos do Brasil, apontando para o quanto antigo era seu reconhecimento pelo valor etnozoológico. Destacaram-se, nesse sentido Pieter Barrère (1741), Antonio G.Landi (1754-1760), Carolus Linnaeus (1758), Manoel C.de Abreu (1783), Theotonio J.Juzarte (1769), Francisco A.de Sampaio (1789), Padre João Daniel (1741-1757), Alexandre

[6] De *guyra*=aves, generalizadamente, em especial espécies paludícolas + *ke* = dormir + *ha* = lugar, portanto *keha* ou *kessa* para alguns autores (*e.g.* Varnhagen). Nesse ponto discordamos de Filipak (1999c) uma vez que não há registro histórico de grandes concentrações do guará (*Eudocimus ruber*) naquela região, além de que não se trata o mesmo de uma garça (família Ardeidae) e sim de um Threskiornithidae. Igualmente discutimos a autenticidade de *s'aba*, traduzido como cama, poleiro, pouso (Straube, 1998, 1999).

R.Ferreira (1790) (para revisão dos cronistas sobre a natureza do Brasil no Século XVIII, *vide* Nomura, 1998).

Do paulista Manoel Cardoso de Abreu (1783) obtém-se o seguinte fragmento, que confunde os porcos-do-mato com as capivaras, pensando o autor tratarem-se de formas aparentadas: "..que são animaes do feitio dos porcos, com a differença do focinho e pés, as quaes se criam pelas beiradas dos rios". De Theotonio J.Juzarte (1769) destaca-se a menção à agressividade dos porcos-do-mato: "...são bravissimmos, e de muito longe se ouve o extrepido q. fazem com os dentes".

Por sua vez, o porco-doméstico é, desde muito tempo atrás, um ítem importantíssimo na economia nacional, considerando-se elemento da pecuária e favorecendo ao Brasil uma posição de destaque, dentre os principais países adeptos da suinocultura.

Estima-se que as primeiras matrizes de porcos-domésticos vieram já no Século XVI, particularmente por intermédio de Martim Afonso de Sousa. Segundo Dean (1996), os portugueses introduziram, "...desde o princípio, animais domésticos do domínio biótico eurasiático. Porcos, galinhas, ovelhas, cabras e especialmente gado bovino propiciaram suprimento de carne com reduzido acréscimo de mão-de-obra. Entre esses animais, provavelmente os porcos deram a contribuição mais substancial ao regime agrícola".

Essa questão, entretanto, permanece polêmica, visto a omissão dessa casta de animais pelo cronista Aires de Casal (1817): "Todas as especies d'animaes domesticos da nossa Peninsula se tornáram aqui mais fecundas: as cabras por toda a parte sam pequenas, e de pêllo curto; os boys quanto mais para o Sul mais volumozos; o gado cavalar, e muar he bem feito, e manso: os jumentos pequenos, e poucos".

De qualquer forma, a verdade é que, como reflexo de uma pecuária extensiva e pouco controlada, ocorreu a aclimatação de porcos-domésticos que, fugidos dos limites da criação, tornaram-se asselvajados. Tamanho é seu significado cultural e ecológico que, no leste do Paraguai, são conhecidos como *kureróga saite* (porco-doméstico-asselvajado) e, no Brasil, particularmente no Pantanal, como porco-monteiro ou porco-alongado.

Exemplares da forma selvagem européia, o javali, também foram soltos em várias regiões do Brasil ou expandiram sua área de ocorrência a partir do Uruguai. Inicialmente por interesse cinegético, esse procedimento ilegal teve como consequência o descontrole das populações, que passaram a competir com as espécies nativas e, inclusive, demonstrar atitudes agressivas contra o próprio homem.

OUTROS "CURIS" OU SIMILARES FONÉTICOS

A imensa variedade de vocábulos, e muitas vezes mal interpretados ou inadequadamente grafados, abre o leque de possibilidades interpretativas para o topônimo Curitiba. Na lista em anexo (tabela 4), indicamos alguns equivalentes fonéticos que poderiam, inadvertidamente ser utilizados como passíveis interpretações do fragmento "curi-" para o topônimo ora analisado.

Desta forma, conclui-se que avaliações centradas puramente nas grafias do topônimos, podem levar a conclusões das mais diversas e, com frequência equivocadas, caso não se incluam os devidos critérios histórico, documental e principalmente linguístico.

É fundamental lembrar (e repetir) que nunca houve, exceto como se faz atualmente na República do Paraguai, uma correlação unânime para grafias do tronco tupi baseada nas manifestações fonéticas dos indígenas. Assim, interpretações baseadas

apenas nos étimos tal como foram escritos, e em tempos em que a própria ortografia portuguesa era diferente da moderna, não podem ser consideradas conclusões definitivas.

A PROPÓSITO DE BOPEBRA

Bopebra é uma pequena cidade boliviana, situada na fronteira com o Brasil e Peru. Há vários anos atrás, mereceu um estudo etimológico sobre a origem do topônimo: teria provindo do tupi, como uma forma corrompida (*mbo'i + peba*), significando cobra achatada[7]. Entretanto, o linguista desavisado não observou que, na verdade, tratar-se-ia simplesmente de uma acronimia dos três países fronteiriços: **Bo**lívia, **Pe**ru e **Bra**sil.

Por ironia, está ali mesmo, nas imediações de Bopebra, a cidade de Curitiba, pertencente ao Acre, às margens do Rio Iacó, afluente do Purus. Fica evidente, levando-se em consideração que pinheiros não ocorrem na Amazônia, que a etimologia dos topônimos de origem tupi é muito mais complexa do que parece[8]. Ela não pode ser hipotetizada pela simples secção de palavras, prefixos e sufixos como se os vocábulos fossem simplistamente construídos. Um exemplo perfeito para isso, nos é dado pela palavra guarani *yvyra*, cuja tradução é tronco de árvore, mas de complicada etimologia: *yvy* é terra, *ra* é sufixo que denota futuro, então, "o que irá virar terra".

Naturalmente que é negativa a resposta para a pergunta: - As "curitibas", do Paraná e do Acre, escritas da mesma forma, possuem mesma origem etimológica?

Theodoro Sampaio, no seu clássico "O tupy na geographia nacional" (1901) afirma, com o conhecimento de causa de alguém que estudara as línguas ameríndias tanto na representação gráfica como na fonética: "Sem a restauração do vocabulo com sua graphia primitiva, como um processo previo e essencial, difficil e quasi insoluvel, em certos casos, é o problema linguistico attinente aos nomes geographicos de procedencia tupy". Esse mesmo autor, ao acreditar que a grafia mais antiga, ou primitiva, consistia da única forma de identificação historica e restauração de um vocábulo, fôra complementado por Rocha Pombo no volume 2 do seu famoso "Historia do Brasil":

> *"Nem sempre - é claro - ha de isto acontecer. Já fizemos notar como os primeiros chronistas, e sem exceptuar os padres missionarios, se enganavam ao apanhar os vocabulos da propria bocca do indio. E não só se enganavam no apanhar, mas ainda no escrever. Dahi a diversidade de graphia que se nota em autores da mesma epoca e concernente aos mesmos dialectos" (Pombo, s.d.).*

O mesmo Rocha Pombo, agora avaliando um caso toponímico, tratou da etimologia de um famoso acidente fluvial do sudeste e nordeste do Brasil, o Rio Jequitinhonha. Poderia, tal designação proceder "da lingua dos botocudos, derivando-se de *Jequitinhong*, que quer dizer - 'rugido da onça'; entretanto que no tupy póde muito bem ser identificado com a phrase *Jiky-ty-nhonhe*, que se póde traduzir: 'cofo na agua amarrado ou assentado".

---

[7] Boipeba, ou boipeva, é o nome que se dá, no Brasil, a uma serpente da família Colubridae, a *Waglerophis merremii* que, ao menor sinal de perigo, se achata dando a impressão de aumentar o volume do corpo.

[8] O mesmo serve para o Rio Curitibaíba, do município de Antonina, onde jamais ocorreu o pinheiro-do-paraná (*Araucaria angustifolia*) em condições naturais.

MUITOS PORCOS: INTERPRETAÇÃO INACEITÁVEL

Filipak (1999a) propõe uma nova interpretação para o topônimo Curitiba, sujeita a um "intrincado pluralismo toponímico", admitindo que além de ter-se inspirado nos muitos pinhões, também teria relação com os porcos ali criados para subsistência da população rural. Entretanto, a conclusão do referido ensaio desconsidera quatro aspectos fundamentais:

1. Geográfico

O carro-chefe da argumentação de Filipak (1999a, 1999c) para terem os porcos servido como inspiração para o topônimo Curitiba, são duas crônicas descritivas, de autoria de Alvar Nuñez Cabeza de Vaca e Manoel Aires de Casal.

Cabe lembrar que as regiões brasileiras visitadas pelo primeiro explorador aparecem, nas menções aos animais encontrados, simplesmente como "S.Catarina-Paraná", tornando-se impossível uma localização exata para suas observações (*vide* Feio, 1953; Sick, 1997; Straube, em prep.). Adicionalmente, não é possível saber se, em sua longa peregrinação relatada por Pero Hernandez, Cabeza de Vaca esteve efetivamente nos chamados "Campos de Curitiba" (Feio, 1953), ou se sua passagem pelas adjacências não haveria se restringido aos "Campos dos Ambrósios", de cujo caminho foi, inclusive, seu precursor (Moreira, 1975).

Cabeza de Vaca pertenceu ao tempo denominado *Anedoctal Period* (Hershkovitz, 1987), caracterizado por uma grande imprecisão de detalhes zoogeográficos, devido não apenas à completa inexistência de topônimos, mas principalmente pelo fato de que o interesse pela fauna, nas expedições, voltava-se mais ao enriquecimento de seus cardápios. E não raro "os escrivães inventavam os maiores absurdos sobre os animais nativos, como fez o contemporâneo Antônio Pigafetta, cronista de Fernão de Magalhães" (Sick, 1997). Cabeza de Vaca efetivamente menciona "javalis", entretanto, não é possível afirmar com nenhuma segurança o local em que ocorreu tal observação, tampouco a identidade da espécie referida (*cf.* Feio, 1953).

Sobre Aires de Casal, o problema é a abrangência confusa e a pouca exatidão nas informações por ele apresentadas em sua "Corografia Brazilica", que mereceu comentários de Prado-Jr (1945, prefaciando o fac-símile da obra):

> *"...Aires de Casal nada tem do homem de ciência no sentido próprio da palavra. Ignora as mais elementares noções científicas do seu tempo, a ponto que se chega às vezes a ter a impressão, lendo sua obra, de que desconhecia a própria existência das ciências naturais, tão ligada ao assunto de que trata. Só assim se explica que, tratando de fatos da natureza não lhe ocorresse um pensamento, uma frase, uma palavra sequer denotando notícia segura acerca dos conhecimentos científicos de seus contemporâneos".*

Aires de Casal era, de fato, um compilador de documentos. Embora morasse no Rio de Janeiro desde 1796, não se sabe ao certo se, além da Bahia, tenha viajado pelo Brasil à procura das informações que apresenta: "...seus dados são visivelmente todos de

segunda, quando não de terceira mão; e falta-lhe por completo espírito crítico" (Prado-Jr., 1945).

Quanto aos argumentos utilizados por Filipak (1999a, 1999c), obtidos na Corografia, deve-se mencionar que todos relacionam-se à Provincia de São Paulo (*vide* Casal, 1817:200). Quando refere-se a Curitiba, Casal dirigia-se a uma grande área compreendida pelo planalto meridional brasileiro, e não particularmente os arredores de Curitiba. De acordo com Casal (1817): "O nome Curytiba..., comprehende quazi toda a commarca [de Curitiba] ou parte meridional da Provincia [de São Paulo] da serra geral para o Poente".

Adicionalmente, quanto à pecuária local em Curitiba (agora especificamente nesse local, não em toda a Província de São Paulo), Casal (1817) é claro: criam equinos, muares e principalmente bovinos; não há menção a suínos.

2. Zoológico

Sobre Cabeza de Vaca, acrescenta-se que suas crônicas, postas à crítica zoológica, são puramente ilustrativas e, com efeito, quase sem valor do ponto de vista biogeográfico. Da mesma forma, as observações zoológicas são imprecisas, já que confunde espécies nitidamente distanciadas, tal como o caso da capivara (*Hydrochaerus hydrochaerus*), que tratou como "porcos que vão sempre à água" (Feio, 1953). Por esse motivo, as espécies citadas pelo cronista, têm sido motivo de discussões quanto à identidade a elas atribuído (*vide* Feio, 1953 *contra* Nomura, 1996).

Já a citação do Padre Aires de Casal (1817), sobre as matas de pinheiros serem "povoadas de porcos montezes, que andam em varas numerozas, ás vezes de cem, e muito mais", deve ser considerada duvidosa, não encontrando paralelo em nenhuma outra obra contemporânea e, assim, pode tratar-se de evento casual e não documentado.

Além disso, há que se mencionar que o cronista, em seu texto, referir-se-ia aos porcos-do-mato (portanto tajaçus, família Tayassuidae, gênero *Tayassu* e *Pecari*) e não aos domésticos (*kure*, família Suidae: *Sus scrofa*), cujas diferenças foram razoavelmente frisadas pelo mesmo autor.

Adicionalmente, não há documentação e sequer indícios confiáveis que atestem grandes populações de porcos (domésticos ou silvestres), em qualquer que fosse o período pré ou pós-cabralino, na região de Curitiba, cuja fauna de mamíferos de médio a grande porte é pouco abundante. Assim, uma pretensa abundância de tais animais, a ponto de tal evento servir-se como indutor para a formação do topônimo, é apenas especulativa e sem qualquer fundamento biológico.

Acontece, isso sim, de ocorrer flagrantes de grandes varas de porcos-do-mato (tatetos e queixadas, especialmente o último) em algumas áreas mais quentes do Estado (por exemplo o Parque Nacional do Iguaçu e arredores), onde tais animais são frequentes. Há que se considerar que essas áreas geográficas, muito distantes de Curitiba, coincidem com alguns locais visitados por Cabeza de Vaca e citados por Aires de Casal.

3. Linguístico

Kure significa porco-doméstico e o surgimento do vocábulo data, logicamente (já que não é espécie nativa do Brasil), de tempos pós-cabralinos, aproximadamente por volta do Século XVII, quando se instalou definitivamente a suinocultura no Paraná. A caça predileta dos íncolas desse período são os porcos-do-mato (que não são *kure* e sim *tayasu*, *vide* revisão acima) tal como atestam os fragmentos encontrados em sambaquis.

A contestação apresentada por Filipak (1999c:14), ao afirmado por Romário Martins (1899), portanto, não tem fundamento. O "Coré-étuba" do cacique tingui, nada

mais é do que uma tentativa frustrada de escrita do fonema *kuri'y*, vocábulo que, para falantes do português, é difícil até mesmo para verbalizar.

Por sua vez, o sufixo *tyba*, com raras exceções (*vide* o caso documentado do guará em Straube, 1998, 1999), manifesta-se no coletivo de plantas e às vezes minerais. No guarani moderno assume, especialmente para os mamíferos, o significado de "urina de-" e, desta forma, *kurety* = urina de porco doméstico.

Admitir uma relação com porcos para as grafias cognatas sufixadas com *coré* ou *curé* (em oposição ao *curiy*, pinheiro), desconsidera os inúmeros equívocos relacionados à coleta de vocábulos pelos primeiros cronistas (fonética) com sua respectiva escrita. Foneticamente, as vogais *o* e *u*, em línguas do tronco tupi, são muito semelhantes durante a fonalização; o mesmo acontece com o *y* e o *i*, diferenciados apenas por uma nasalização, quase imperceptível por falantes (e ouvintes) portugueses. As vogais das línguas indo-européias e ameríndias não são as mesmas, seja em sua forma escrita, seja em sua forma fonética.

A similaridade entre os fonemas *o* e *u* é facilmente observada na prática: o famoso dicionário Aurélio, léxico de língua portuguesa de maior uso na atualidade, manteve até sua última edição, a grafia errônea "curitibano" para designar "pertencente ou relativo ao Curitiba (*sic*) Futebol Clube (PR)" (Ferreira, 1986).

Não há explicação outra para a grafia Coretiba ou correlatos posteriores, do que versões corruptas como consequência dessa problemática, aliás, historicamente conhecida e discutida (Dennler, 1939; Bertoni, 1980; Tibiriçá, 1984).

Aceitar *kure* (porco-doméstico) como sufixo para Curitiba, obriga analisar com igual tratamento outros sufixos foneticamente semelhantes, abundantes na língua tupi, tornando a questão indissolúvel. O próprio Padre Aires de Casal (1817) abona a etimologia: "*curú* pinháo, e *tiba* muito..." para a localidade que chamou de "Curytiba" (e não "Coretiba" *cf.* Filipak, 1999a:122).

4. Cronológico

A menção de Lamenha Lins (Balhana *et al.* 1969) de produtos caracterizadores da auto-sustentabilidade das fazendas (de brasileiros ou outros falantes de língua portuguesa) nas primeiras décadas do Século XVIII, refere-se à carne de suínos. Contudo, tais animais de criação eram logicamente conhecidos como porcos (domésticos) e não como *kure*, palavra índia, criada posteriormente ao evento apresentado.

Por certo, ainda, pelas evidências geográficas e ecológicas, o topônimo Curitiba surgiu muito antes de qualquer intervenção humana no Estado do Paraná. É absolutamente parcimonioso imaginar que os tupi do litoral subiam a serra em épocas de escassez de alimento (justamente quando os pinhões encontram-se em grande quantidade), procurando por pinhões. E, logicamente, a terra mais próxima onde havia abundância de pinhões, coincidia com o primeiro planalto paranaense, também chamado de Planalto de Curitiba. Ali conheciam uma região com muitos pinheiros (e muitos pinhões) - Curitiba - que preserva a última sílaba átona, concordando com sua origem das tribos litorâneas.

Dessa forma, o monotoponimismo[9] de Curitiba ocorreu já em tempos pré-cabralinos quando, no mínimo extra-oficialmente, já era conhecida como tal (*cf.* verbete "Coretaba" datado de "idos de 1600" em Filipak, 1999b). A grafia de nomes próprios

[9] A grafia acima apresentada (em oposição a monotoponismo) é preferível, embora carente de eufonia; provém do grego *monos* (único) + *topos* (lugar) + *onoma* (nome), acrescido do sufixo -ismo. Refere-se ao momento histórico e cronológico em que um topônimo se estabeleceu definitivamente, servindo-se com exclusividade para indicar uma localidade.

portugueses segue a legislação ortográfica da língua portuguesa desde 1943 e é por esse motivo, aliado às questões fonéticas de transliteração já mencionadas, que observaram-se tantos nomes diferenciados (embora todos cognatos) para o topônimo.

Aceitar posteridade para o período do "Materialismo Mental", com relação ao da "Sacralização e Dessacralização" (Filipak, 1999a) é antes de tudo acreditar que o nome indígena Curitiba seja posterior aos nomes santos (Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, por exemplo), argumento absolutamente assincrônico com a realidade histórica brasileira.

Por fim, pergunta e resposta servem-se, definitivamente, para elucidar a sequência cronológica: - Onde ter-se-ia estabelecido a Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais? Resposta: Nos campos de Curitiba...

Agradecimentos

Diversas pessoas colaboraram com este estudo, mas sou grato em especial àqueles que participaram de ricas e produtivas discussões durante sua redação, colocando-me à disposição os seus conhecimentos de várias áreas do conhecimento biológico e etnológico. Silvia R.T.Prado, Renato S.Bérnils, Paulo H.Labiak, Alberto Urben-Filho, Sérgio A.A.Morato e Júlio César de Moura-Leite revisaram minhas idéias e manuscritos; Michel Miretzki, Rogério R.Lange, Juliana Quadros e Liliani M.Tiepolo orientaram-me nos aspectos mastozoológicos. Por fim, Teresa Cristina C.Margarido, uma das maiores autoridades brasileiras em taiassuídeos, cedeu parte de sua literatura e riquíssima experiência de campo para o estudo desses animais.

Meu reconhecimento, ainda, ao amigo Pedro Scherer-Neto pela orientação segura sempre disponível; também a meu pai Ernani C.Straube e Dante Martins Teixeira, professores de História e de ciências.

Vários pesquisadores de outros estados do Brasil contribuíram com seus conhecimentos: Luzimara Brandt (MG), Maria Martha Argel-de-Oliveira, Fabio Olmos e Carlos Yamashita (SP), Marcos A. Da-Ré e Carlos E.Zimmermann (SC) e os também lexicógrafos Henrique Rajão e José Fernando Pacheco (RJ).

Meu querido amigo Nelson A.Pérez V. tem sido meu principal orientador no assunto gramatical e de vocabulário tupi-guarani, desde a década de 80, quando acolheu-me no Paraguai, oferecendo-me fragmentos de sua enorme cultura, experiência de mato e, principalmente, amizade. A mesma gratidão devo a outra pessoa igualmente cativante, Andres Colmán J.. Outros instrutores de guarani que devem ser citados são: Rafael Ortiz D., Luiz Pereyra, Cirilo Cabrera e meu professor de guarani da pequena cidade de Curuguaty, Fermín Martinez.

Esse trabalho é dedicado ao amigo Edwino Donato Tempski (1913-1995), estudioso da linguística e da história do Paraná e, acima de tudo, motivo de orgulho para o povo paranaense.

Referências Bibliográficas

Baldus, H. 1947. Vocabulário zoológico Kaingang. **Arq. Mus. Paranaense 6**:149-160.

Balhana, A.P.; Machado, B.P. e Westphalen, C.M. 1969. História do Paraná. *In*: F.El-Khatib ed. **História do Paraná**, vol.1. 277 pp.

Bertoni, A.de W. 1914. **Fauna paraguaya**: catálogos sistemáticos de los vertebrados del Paraguay. Assunção, M.Brossa. 86 pp.

Bertoni, M.S. 1980. **Diccionario botanico** latino-guarani; guarnai-latino con un glosario de vocablos y elementos de la nomenclatura botánica. Assunção, Ministerio de Agricultura y Ganadería. 146 pp.

Cabrera, A. e Yepes, J. 1960. **Mamiferos Sud Americanos**. Buenos Aires, Ediar. 160 pp.

Carvalho, A. de. 1924. **Manual do caçador** ou caçador brasileiro. São Paulo, edição do autor. 164 pp.

Carvalho, C.T. de. 1979. **Dicionário dos mamíferos do Brasil.** São Paulo, Nobel. 135 pp.

Casal, M.A. de. 1817 (1945). **Corografia brasílica**. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional. Coleção de Obras Raras 2. 2 volumes.

Chebez, J.C. 1996. **Fauna misionera**. Buenos Aires, Lola. 318 pp.

Cunha, A.G.da. 1982. **Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi**. São Paulo, Melhoramentos. 357 pp.

Dean, W. 1996. **A ferro e fogo**: a história da devastação da mata atlântica brasileira. São Paulo, Companhia das Letras. 484 pp.

Dennler, J.G. 1939. Los nombres indígenas en guaraní de los mamíferos de la Argentina y países limítrofes y su importancia para la sistematica. **Physis 36**(48):225-244.

Emmons, L.H. 1997. **Neotropical rainforest mammals**. Chicago, University of Chicago. 307 pp.

Feio, J.L. de A. 1953. Contribuição ao conhecimento da história da zoogeografia do Brasil. **Publ. Avuls. Mus. Nac.1**:1-22.

Fernandes, J.L. 1941. Os Caingangues de Palmas. **Arq. Mus. Paranaense 1**: 161-209.

Ferreira, A.B.de H. 1986. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.2º edição, 36º impressão.

Ferreira, J.P. org. 1959. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro, IBGE, vol. 31.

Ferreira, J.C.V. 1996. **O Paraná e seus municípios**. Maringá, Ed.Memória Brasileira. 728 pp.

Filipak, F. 1999a. Cronologia toponímica de Curitiba. **Bol. Inst. Hist. Geogr. do Paraná 50**:121-128.

Filipak, F. 1999b. Glossário de étimos caingangues, guaranis e tupis na toponímia paranaense e sul-brasileira. **Rev. Acad. Paran.Letras 40**:67-74.

Filipak, F. 1999c. **Curitiba e suas variantes toponímicas**: coré - curé - curiy. Ensaio histórico-linguístico. Curitiba, Instituto Histórico e Geográfico do Paraná. Estante Paranista nº 42, 68 pp.

Guérios, R.F.M. 1942. Estudos sobre a língua caingangue: notas histórico-comparativas (Dialeto de Palmas - Dialeto de Tibagí) - Paraná. **Arq. Mus.Paranaense 2**:97-177.

Guérios, R.F.M. 1945. Estudos sôbre a Língua Camacã. **Arq. Mus. Paranaense 4**:291-319.

Grubb, P. e Groves, C.P. 1996. Taxonomía y descripción. *In*: W.L.R.Olivier. **Pigs, Peccaries, and Hippos**: status survey and conservation action plan. Inglaterra, IUCN.

Hershkovitz, P. 1987. A History of the Recent Mammalogy of the Neotropical Region from 1492 to 1850. **Fieldiana (Zoology) 39** (1382):11-97.

Hoehne, F.C. 1915. **Relatório da Expedição do Rio Juruena e Tapajós** [relatório parcial correspondente aos anos de 1911 e 1912]. Rio de Janeiro, Comissão das Linhas Telegraphicas e Estrategicas de Mato Grosso ao Amazonas, Anexo III.

Ihering, R.von. 1920. Curiosa collecção zoologica. **Rev. do Brasil 52**:375-376.

Ihering, R. von. 1968. **Dicionário dos animais do Brasil.** Brasília, Ed.UnB. 790 pp.
Lery, J. de. (1578). 1967. **Viagem à terra do Brasil**. Rio de Janeiro, Martins. 263 pp.
Machado, O.X.de B. 1950. Nomes, na língua Carajá, de algumas plantas e animais do Brasil Central. **Arq. Mus. Parananese 8**:147-164.
March, I.J. 1996. El pecarí labiado (*Tayassu pecari*). *In*: W.L.R.Olivier. **Pigs, Peccaries, and Hippos**: status survey and conservation action plan. Inglaterra, IUCN.
Martins, R. 1899 (1995). **História do Paraná** (1555-1853). Curitiba, Travessa dos Editores. 471 pp.
Martins, R. 1940. Vózes indigenas na toponímia do Paraná. **Bol. Inst. Hist. Geogr. Paranaense 5**(11):1-26.
Melatti, J.C. 1993. **Índios do Brasil**. Brasília, Ed.UnB e Hucitec. 223 pp.
Mense, H. 1947. Língua Mundurucú: vocabulários especiais, vocabulários Apalaí, Uiabói e Maué. **Arq. Mus. Paranaense 6**:107-148.
Moreira, J.E. 1975. **Caminhos das Comarcas de Curitiba e Paranaguá**. Curitiba, Imprensa Oficial. 3 vols. 1045 pp.
Navarro, E.de A. 1998. **Método moderno de tupi antigo**: a língua do Brasil nos primeiros séculos. Petrópolis, Vozes. 619 pp.
Nomura, H. 1995. **Vultos da Zoologia brasileira**, VI. Mossoró, Fundação Vingt-Un Rosado. Coleção Mossoroense, Série C, vol.861. 139 pp.
Nomura, H. 1996. **História da Zoologia no Brasil: Século XVI**. Mossoró, Fundação Vingt-Un Rosado. 2 vols. Coleção Mossoroense, Série C, vols.884 e 904. 193 pp.
Nomura, H. 1996-1997. **História da Zoologia no Brasil: Século XVII**. Mossoró, Fundação Vingt-Un Rosado. 3 vols. Coleção Mossoroense, Série C, vols. 914, 923 e 943. 405 pp.
Nomura, H. 1997. **Vultos da Zoologia brasileira**. 2º edição (Volumes I-V reunidos em dois volumes). 2 vols. Mossoró, Fundação Vingt-Un Rosado. Coleção Mossoroense, Série C, vols. 931 e 936. 292 pp.
Nomura, H. 1998. História da Zoologia no Brasil: Século XVIII. **Publ. Avuls. Museu Bocage 2**(4):1-315.
Pombo, J.F. da R. s.d. **Historia do Brazil** (illustrada). Rio de Janeiro, J.Fonseca Saraiva. 1o volumes.
Rodrigues, A.D. 1945. Fonética Histórica Tupi-Guarani. Diferenças fonéticas entre o Tupi e o guarani. **Arq. Mus. Paranaense 4**(14):333-354.
Rodrigues, A. D. 1951. Esbôço de uma introdução ao estudo da língua tupi. **Logos/UFPR 6**(13):43-57.
Rodrigues, A.D. 1964. A classificação do tronco linguístico Tupi. **Rev. Antropol. 12**:99-104.
Rodrigues, A.D.1967. Grupos linguísticos da Amazônia. *In*:**Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica**, vol.2. Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Pesquisas, p.29-30.
Rodrigues, A.D. 1975. Línguas ameríndias. *In*: **Grande Enciclopédia Delta-Larousse.** 2º ed., Rio de Janeiro, Ed.Delta, p. 4034-4036.
Rusconi, C. 1930. Las especies fósiles argentinas de pecaríes ("Tayassuidae") y sus relaciones con las del Brasil y norte América. **Annales del Museo Nacional de Historia Natural Bernardino Rivadávia, Paleontologia, 36**:121-241.
Simpson, C.D. 1984. Artiodactyls. *In*: S.Anderson e J.K.Jones eds. **Orders and families of recent mammals of the world**. Nova York, Wiley e Sons, p. 563-587.

Simpson, G.G. 1941. Vernacular names of south american mammals. **Journ. Mamm. 22**(1):1-17.

Staden, H. 1557 (1927). **Warhaftige Historia und beschreibung eyner Landtschafft der wilden nacketen grimmigen Menschfresser Leuthen in der Newenwelt America gelegen**. Frankfurt, Wüsten. Edição fac-similar, não paginada, com notas de Richard N.Wegner.

Straube, F.C. 1998. Guará: etimologia do vocábulo e participação na origem de alguns topônimos paranaenses. **Atualidades Ornitológicas 86**:5.

Straube, F.C. 1999. "Guará": origem histórica do vocábulo e formação de alguns topônimos paranaenses. **Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná 50**:91-100.

Straube, F.C. em prep. História da Ornitologia no Paraná. *In*: F.C.Straube ed. **Fauna Paranaensis**: mamíferos, aves, répteis e anfíbios do Estado do Paraná. Curitiba, em preparação.

Taber, A.B. 1996. El pecari del Chaco (*Catagonus wagneri*). *In*: W.L.R.Olivier ed.. **Pigs, Peccaries, and Hippos**: status survey and conservation action plan. Inglaterra, IUCN.

Taunay, A. de E. 1932. Inopia scientifica e vocabular dos grandes diccionarios portuguezes. **Revista do Museu Paulista 17**(2):513-688.

Tempski, E.D. 1986. Caingângues - gente do mato. **Bol. Inst. hist. Geogr. Etnogr. Paranaense 44**:1-380.

Tibiriçá, L.C. 1984. **Dicionário Tupi-Português**, com esboço de gramática de Tupi antigo. Santos, Traço. 200 pp.

Tibiriçá, L.C. 1985. **Dicionário de topônimos brasileiros de origem tupi:** significado dos nomes geográficos de origem tupi. Santos, Traço. 197 pp.

Tiburtius, G. 1996. **Arquivos de Guilherme Tiburtius, I**. Joinville, Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville.

Van Humbeck, J. e Avalos, W.S. 1995. Mamiferos. *In*: Itaipu Binacional. **Catalogo de vertebrados del Area de Itaipu**. Cidade do Leste, Itaipu. 64 pp.

Verbo. 1988. **Enciclopédia Luso-brasileira de Cultura**. Lisboa, Ed.Verbo, 23 vols.

Vieira-dos-Santos, A. 1850 (1952). **Memoria Historica chronologica, topographica e descriptiva da Çidade de Paranaguá e seu municipio**. Curitiba, Museu Paranaense. 405 pp.

Wetzel, R.M. 1977. The chacoan peccary *Catagonus wagneri* (Rusconi). **Bulletin of Carnegie Museum of Natural History 3**:1-36.

Wilson, D.E. e Reeder, D.M. ed. 1993. **Mammal species of the world**: a taxonomic and geographic reference. Washington, Smithsonian Institution. 1207 pp.

TABELAS

Tabela 1. Sinonímia de Curitiba, segundo Casal (1817), Leão (1924 e subsequentes), Moreira (1972). O símbolo d? indica que não consta a data original nas obras consultadas. Algumas denominações citadas por Filipak (1999b) não foram incluídas, pela ausência de informação documental (*e.g.* "Coré-etuba", "Coreitiba", etc.).

Coretaba (ou campos de **Coretaba**): Anônimo ("idos de 1600") (Filipak, 1999b)
Quereitiba (ou **campos de quereytiba**): João Teixeira Albernás (1653: *vide* Moreira, 1972)
Quorytiba: Anônimo (1698)
Curiytiba: "em uso de 1720 a 1800" (Filipak, 1999b).
Curitiba: M.do V.Palhano (1727); M.D.Leitão *in partim* (1732-1749); grafia oficial, que substitui Curytiba (*q.v.*), desde a Reforma Ortográfica de 1943 (Filipak, 1999b).
Coritiba: I.Lopes, (d?); C.da C.Oliveira (1731); M.F.Villela (1765); J.F.de O.Bueno (1779); Feldner (d?)
Curityba: M.D.Leitão *in partim* (1732-1749); F.D.Xavier (1773); M.Aires de Casal *in partim* (1817); E.A.de Leão (1924); A.E.de Leão (1934).
Corytyba: M.D.Leitão *in partim* (1732-1749); A.de M.Pereira (1756); F.X.do Prado (1759); A.J.de Abreu (1768); F.de C.Lima (1793).
Curutiba: grafia encontrada no Arquivo da Catedral de Curitiba, em 1732 (Filipak, 1999b).
Curituba: variante sincopada de Curiytuba (*q.v.*), empregada "nos documentos e nos mapas entre os anos de 1749 e 1775" (Filipak, 1999b).
Curytyba: M.J.Vaz (1752); F.de M.Calassa (1753)
Curiytuba: "seu emprego ocorre nos documentos de 1765 a 1772" (Filipak, 1999b).
Curetiba: variante de Coretiba (*q.v.*), usada entre 1769 e 1853 (Filipak, 1999b)
Coretiba: "nome oficial de Curitiba, entre 1770 e 1853" (Filipak, 1999b)
Curytiba: M.Aires de Casal *in partim* (1817); "grafia oficial por força da Lei nº 1, de 26 de julho de 1854 e do Decreto nº 1 126, de 19 de dezembro de 1919" (Filipak, 1999b).
Coriitiba: A.de S.P.Maciel (d?)
Corritiba: J.Mawe (d?)
Coritigba: Pizarro (d?)
Curutuba: Rocha-Pitta (d?)
Currutuva: Anônimos, várias datas.

Tabela 2. Algumas denominações locais ou artificiais do tateto (*Pecari tajacu*) e do queixada (*Tayassu pecari*) (Fontes: Cabrera e Yepes, 1960; Emmons, 1997).

País ou língua	**Tateto (*Pecari tajacu*)**	**Queixada (*Tayassu pecari*)**
Argentina	chancho del monte, pecarí de collar, rosillo	pecari labiado, mahano
Belize	peccari	wari
Bolívia	taitetú, niguitagui, pecarí de collar, chancho de collar, chancho de monte, huangana	tropero, chancho de tropa, puerco de tropa, pecarí labiado
Colômbia	saíno, sajino, jabalí, tatabro, cerrillo, báquiro, puerco de monte, marrano de monte	huangana, pecari labiado, careto, cafuche, pecarí, puerco de monte, manao, puerco manao, marrano, tatabro, chácharo
Costa Rica	puerco de monte, chancho de monte	puerco de monte, chancho de monte
Equador	tatabro, puerco sajino	huangana, saíno
EUA	javelina, collared peccary	white-lipped peccary
Guatemala	coyametl, jabalí	
Guiana Francesa	pakira, patira	chochon-bois, pingo
Honduras	quequeo	jaguilla
México	coyametl, jabalí	senso, jabalí de labio blanco
Panamá	puerco de monte, chancho de monte	puerco de monte, chancho de monte
Paraguai	kure-í	tañyi-cati, tayi-cati
Peru	huangana; lomocuchi, sajino, saíno, pecarí de collar	huangana, pecarí boquiblanco
Suriname	pakira	pingo
Venezuela	báquiro de collar, chácharo	báquiro, careto, cachete blanco, cochino bravo, pinque

Tabela 3. As denominações, entre os vários dialetos ou grupos linguísticos para porco-doméstico (*Sus scrofa*), tateto (*Tayassu tajacu*) e queixada (*Tayassu pecari*), excluídas as variações visivelmente cognatas.

Dialeto	**Porco-doméstico (*Sus scrofa*)**	**Tateto (*Pecari tajacu*)**	**Queixada (*Tayassu pecari*)**	**Fonte**
Camacã	kuiá; kuya	--		Guérios, 1945
	kuä-hirochdá	--		Wied, 1820
Guarani	kure	taitetu; kure'i	tañykati; jabali	Van Humbeck e Avalos, 1995; obs.pess.
	--	tayasú taitetú	tayasú tanyihka-ti	Dennler, 1939
	--	taitetú; curé'í	tañihca-tí; tayasú-eté; curé'hû	Chebez, 1996
Cainguá	--	tayachú		Chebez, 1996
Botocudo	curäck-gipakiú	hó-kuäng		Wied, 1820
Patachó	schaüm	--		Wied, 1820
Caingangue	krâgh; krögn; krúngh	okxé; okxém; ogxá; okxá	--	Guérios, 1942
	krygn	okxá	krygn-niampé-kuprí	Baldus, 1947
	crég fi	crân		Tempski, 1986
	--	--	krengue; krun	Chebez, 1996
Malali	ja-uem	--		Wied, 1820
Maconi	tratketen	--		Wied, 1820
Karajá	--	rrô-lô	ixan	Machado, 1950
Tupinambá	--	teygasu dattu		Staden, 1557
Apiacá	cassahúa	catettú	tassahu-hetê	Hoehne, 1915
Apalaí	--	papirá	ponokó	Mense, 1947
Português	porco; taiaçu aiá	caitetu; caititu; catete; cateto; tateto; porco do mato; taiaçu; pecari	porco do mato de queixo branco ; pecari; queixada; porco queixada; mundéu; taiaçu	Ihering, 1968; Carvalho, 1979

Tabela 4. Palavras foneticamente semelhantes a "curi-" de línguas do tronco tupi (Fontes: Dennler, 1939; Bertoni, 1980; Tibiriçá, 1984; Navarro, 1998; N.Pérez *in litt.*, 1999 e anotações originais do autor).

Ca-í: macaco-prego (*Cebus apella*);
Curé: que bamboleia;
Curé: porco doméstico;
Curi (ou **cori**): terra vermelha;
Curi: depois, mais tarde, até logo (uso comum no guarani moderno, p.ex. na expressão *kuriete peve*: até logo);
Ku'i: pó, farelo;
Ku'i-í: espécie de ácaro, conhecido como micuim (família Trombiculidae);
Kuiy: ouriço-cacheiro ou cuandu (gêneros *Coendou* e *Sphiggurus*);
Kuî: fruto tipo seco, capsulado ou indeiscente;
Kuré: farelo;
Kuri'y: pinheiro-do-paraná (*Araucaria angustifolia*) em guarani moderno;
Kurú: aspereza, sarna;
Kuruá: palmeira do gênero *Attalea*;
Kuruk: resmungar;
Kyrirî: quietude, silêncio.